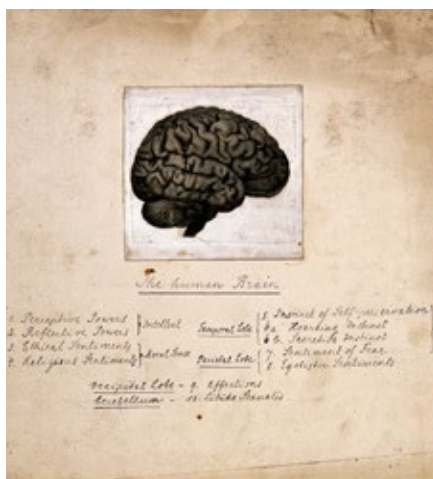


Discursos do cérebro

Revelações das neurociências

O cérebro humano segundo Bernard Hollander © CCBY



Organização

Joana Barros (Viver a Ciência, Lisboa),
Ana Margarida Nunes (Fundação
Champalimaud e Viver a Ciência, Lisboa)

7 de setembro

**Decisão Flexível: a base biológica dos
comportamentos baseados na memória**
Miguel Remondes

14 de setembro

**O Cérebro Social: como a vida social
influencia o cérebro e o comportamento**
Rui Oliveira

21 de setembro

Empatia: Biologia ou Educação?
Diana Prata

28 de setembro

**A Arte e a Ética da neuromanipulação
do Eu** Francisco Teixeira

As neurociências têm vindo a expandir o nosso conhecimento sobre o cérebro de uma forma surpreendente. Novas perguntas e técnicas dissecam com cada vez mais pormenor os mecanismos

da perceção, da memória, do medo e da tomada de decisões. Questiona-se a natureza da consciência, do livre-arbítrio e da inteligência, e estudam-se minuciosamente os mecanismos da plasticidade neuronal. Espera-se ficar a conhecer melhor a nossa natureza, mas também abrir caminho para a compreensão e tratamento de várias doenças neurológicas. Deve a aplicação desse conhecimento ficar limitada à doença ou dever-se-á permitir o seu uso para melhorar as capacidades inatas do homem? Esta é uma questão que se estende muito para além do domínio médico e académico e obriga a uma reflexão sobre a própria natureza humana, sobre quem queremos ser e em que sociedade queremos viver.

Este ciclo de conferências pretende desvendar um pouco deste fascinante mundo dos processos neuronais e promover uma discussão mais alargada sobre as suas repercussões filosóficas, éticas, sociais e individuais.

Miguel Remondes – Investigador Principal, Laboratório de Perceção, Memória e Decisão, Instituto de Medicina Molecular.

Rui Oliveira – Reitor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Investigador Principal no Instituto Gulbenkian de Ciência, professor de várias disciplinas do ISPA e no Programa Doutoral de Neurociências da Fundação Champalimaud.

Diana Prata – Investigadora Principal, Laboratório de Neurobiologia Humana e Cognição, Instituto de Medicina Molecular.

Francisco Teixeira – Diretor do Serviço de Neurofeedback, Neurobios, Instituto de Neurociências.

Empatia: Biologia ou Educação?

Diana Prata

Até que ponto o comportamento humano é biologicamente determinado? São apenas as nossas experiências, a educação e o ambiente que definem as nossas atitudes e comportamentos? Ou também existem fatores biológicos que os propiciam? Que fatores são esses? Como atuam? Até que ponto são geneticamente determinados? Será possível manipulá-los com medicamentos?

O estudo de processos de cognição social, como por exemplo a empatia, saiu recentemente do território das ciências sociais e económicas, para ser abordado também por biólogos e neurocientistas. A empatia cognitiva, ou seja, intuir o que os outros pensam, sentem e desejam é essencial para a comunicação, confiança e cooperação entre indivíduos – capacidade que se encontra disfuncional em certas doenças mentais, como a esquizofrenia ou o autismo. A oxitocina é um neuropéptido (molécula pequena que se forma nos neurónios) que parece mediar a empatia, agindo em regiões específicas do cérebro que estamos a começar a identificar. Enquanto estudos em roedores nos mostram robustamente que a oxitocina cerebral é necessária para o cuidado maternal, a monogamia e o altruísmo – o mesmo está a ser descoberto nos humanos. Além de nos saciar a curiosidade sobre a biologia que permite estes processos psicológicos, esta área de investigação pode ajudar ao desenvolvimento de terapias mais eficazes para sintomas sociais psiquiátricos.

QUARTAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE SETEMBRO 2016 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO